

# DE ENGENHO FORTALEZA A MONUMENTO NACIONAL BRASILEIRO – A TRAJETÓRIA DAS RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS

RODRIGO CHRISTOFOLETTI\*

**Resumo:** Este texto discute a trajetória do mais antigo remanescente arquitetônico da presença portuguesa no Brasil, o Monumento Nacional Ruína Engenho São Jorge dos Erasmos, hoje Base Avançada de Universidade de São Paulo. Após quatro décadas interditado, o hoje, sítio arqueológico, tornou-se um lugar que instiga a imaginação. As perguntas sem respostas concernentes a esse patrimônio são hoje seu maior vetor de qualificação.

**Palavras-chave:** Engenho São Jorge dos Erasmos; Ruínas; Engenho de açúcar; Patrimônio nacional brasileiro.

**Abstract:** This paper discusses the history of the oldest architectural remnant of the Portuguese presence in Brazil, the National Monument Ruin Mill São Jorge dos Erasmos, today Advanced Base of University of São Paulo. After four decades interdicted, today, this archaeological site has become a place that excites the imagination. The unanswered questions concerning this heritage are now their biggest vector of qualification.

**Keywords:** São Jorge dos Erasmos Mill; Ruins; Sugar mill; Brazilian national heritage.

## O QUE FOI O ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS E O QUE REPRESENTA O EPÍTETO DE MONUMENTO NACIONAL?<sup>1</sup>

Nos últimos cinquenta anos, a pauta sobre o patrimônio passou a discutir bem mais que a simples conservação dos conjuntos e heranças culturais, materiais ou

---

\* Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. r.christofoletti@uol.com.br.

<sup>1</sup> Este tópico retoma o histórico descrito no projeto: Projeto de restauro e adaptação USP/BNDES, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Lucia Amaral Ferlini (FERLINI, 2014: 13-14) e dialoga com as premissas básicas da Carta de Burra – ICOMOS Austrália, 1999, condicionando a ideia de que a *adaptação* deve

imateriais dos seres humanos. O entendimento de que o patrimônio significa a continuidade da cultura de um povo colaborou para que seu próprio conceito passasse a ser compreendido a partir de um elaborado alargamento: denominado, por muitos, como um *bem cultural*, o cerne deste significado, obviamente, transbordou a, até então, categoria de mero constructo humano. Definições de critérios passaram a balizar a proteção do patrimônio cultural/natural mundial, que por meio de documentos indicativos, (as chamadas Cartas Patrimoniais) e seleções de mérito (as listas indicativas do patrimônio local, regional e mundial) buscaram se tornar portadores de um conjunto de proposições, muitas vezes, universais.

Compreensão mais ampla passou a ser empregada nos foros internacionais ainda na década de 1950, quando a UNESCO definiu que o patrimônio cultural compreendia os monumentos arquitetônicos, os sítios arqueológicos, e os objetos e estruturas herdadas do passado, dotados de valores históricos, culturais e artísticos; bens que representavam as fontes culturais de uma sociedade ou de um grupo social. Mas a UNESCO não centralizou a tutela de tais bens. A proteção do patrimônio cultural passou a ser outorga e tarefa primordiais do Estado interessado em possuir bens carimbados com tal rubrica. Isso significa que cada país tem a prerrogativa de cuidar para que seus bens figurem nesta listagem de exemplares únicos, e por isso, dignos de diferenciação.

No caso do Brasil, alguns patrimônios que ainda não integram a lista brasileira de potenciais patrimônios da humanidade merecem destaque seja por sua singularidade, seja por seu caráter excepcional. As ruínas do mais antigo engenho de açúcar do país é um exemplo excepcional.

Em 2017, celebram-se os 483 anos deste antigo engenho de açúcar. Muito mais que uma nota de rodapé nos anais do complexo açucareiro americano, este engenho marca o registro arquitetônico de um momento histórico único: o encontro das matrizes étnicas que presenciaram o rompante de uma nova era. As ruínas do antigo Engenho São Jorge dos Erasmos, atualmente categorizado como museu universitário a céu aberto constitui complexo arquitetônico único em território brasileiro.

Hoje, o engenho em ruínas é dotado de múltiplas funções, abarcando campos de atuação os mais diversos. O remanescente do antigo engenho fortificado (certamente, o mais antigo ainda existente em território sulamericano) se encontra em lugar privilegiado, como bem tombado nas instâncias federal, estadual e municipal<sup>2</sup>. Até o século XIX pertenceu ao município de São Vicente, no entanto, desde o

---

ser limitada àquilo que for essencial para o uso para o *sítio*, determinado em acordo com os Artigos 6 e 7 desta Carta. A adaptação só é aceitável quando tiver um impacto mínimo sobre o significado do bem.

<sup>2</sup> Tombado pelas instâncias de salvaguarda do patrimônio brasileiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 1963; Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico,

século XX se acha em território santista. Resultado dos processos culturais vividos e marcados pela ação de senhores e escravos, posses e lutas, interesses e disputas, este engenho, hoje em ruínas, passou a ser administrado pela Universidade de São Paulo – USP, em 1958, quando este foi doado à universidade, e desde 2004 vem convivendo com múltiplas atividades que congregam programas educacionais e de arqueologia.

Essas ruínas quinhentistas sofreram nas últimas décadas os efeitos nefastos de uma urbanização que alterou a paisagem que as emoldurava. A artificialização do meio, potencializada pela criação de um novo cenário teve um duplo efeito no processo de manutenção/preservação das ruínas deste antigo engenho. Se, por um lado, a urbanização da região transformou a feição do espaço envoltório, a paisagem e as próprias ruínas; por outro, o fato de tratar-se de um processo recente, retardou a degradação do ambiente envoltório.

Historicamente, a cidade de Santos, assim como o município de São Vicente, contíguos na mesma ilha, vivenciaram a dinâmica de uma economia monocultora de exportação (o açúcar) exigindo o avanço tecnológico e a articulação do trabalho cada vez mais especializado e, por tal, compartimentado. O que, nos primórdios da colonização foi o resultado prático das ações do capitalismo mercantilista recém disseminado tornou-se, séculos depois, o elemento desencadeador de um processo irreversível de urbanização. Tanto no século XVI como no XIX ou XX a ordem dinâmica sempre foi a expansão territorial como corolário de uma extensão econômico-social<sup>3</sup>.

Percebe-se a mesma realidade na região onde se encontra o Monumento Nacional RESJE. O assentamento dos Erasmos, sob a vertente ocidental do conjunto de colinas que se eleva no centro da ilha de Guaiabó, rastreou o avanço dos colonos para as «terras mais a leste, do outro lado dos morros, onde a breve planície litorânea debruçava no Enguaguaçu, (a “grande enseada”, em Tupi) e oferecia sua fertilidade às plantações de cana»<sup>4</sup>.

Compreender as recentes transformações dos espaços contíguos a este antigo remanescente de engenho possibilita perceber em quais condições a recente urbanização da região fronteira entre o terreno do antigo engenho e a malha urbana adjacente interferiu na condição de integridade e autenticidade do bem, assim como, na identificação por parte da população vivente desta região. Uma vez instalada numa ilha, a dinâmica de crescimento urbano não pôde se expandir para além das

---

Arqueológico e Turístico de São Paulo – CONDEPHAAT, em 1974 e Conselho de Defesa do Patrimônio de Santos – CONDEPASA, o congênere municipal, em 1990.

<sup>3</sup> SILVA & CHRISTOFOLETTI, 2011: 56.

<sup>4</sup> SIQUEIRA *et al.*, 2014: 70.

fronteiras insulares, o que obrigou a população nativa e os que se estabeleceram a partir das migrações a se redimensionar espacial, cultural e socialmente.

Assim, se por um lado esta região vive os reflexos de uma historicidade temporal um tanto quanto recente (uma história de transformação urbana de menos de um século) por outro vive nas entrelinhas de sua cotidianidade as marcas de outra historicidade menos imediata e mais duradoura. Neste sentido, não se trata de inferirmos sobre um período curto de transformação, mas de refletirmos a cerca de como, neste último quartel de século houve uma recharacterização deste território, o que se traduziu inclusive na transformação do conjunto arquitetônico restante que caracteriza essas ruínas.

Do ponto de vista histórico a expedição de Martim Afonso de Souza a São Vicente em 1532 pode ser considerada o ponto de partida para a manufatura açucareira de larga escala no Brasil. A construção deste engenho de açúcar é o corolário deste empreendimento que vai rapidamente mudar de mãos. Martim Afonso de Souza, donatário da Capitania de São Vicente, foi responsável pelo lançamento das bases da ocupação da região, criando uma infraestrutura que permitiu a fixação dos portugueses no território. Além de doar sesmarias e construir fortalezas, introduziu o cultivo da cana de açúcar na capitania, levando à construção do Engenho, provavelmente no ano de 1534.

O Engenho dos Erasmos tornou-se, posteriormente propriedade da família Schetz, por volta de 1540. Ainda no primeiro quartel do século XVI, a família de Erasmus Schetz (banqueiro radicado em Antuérpia) distribuía seus produtos por toda a Europa. Sem dúvida, o período de apogeu do Engenho São Jorge dos Erasmos como manufatura açucareira foi sob a direção da família Schetz. O laborioso levantamento sucessório dos proprietários do engenho realizado por Maria Cecília França Lourenço nos dá a dimensão do quanto aprofundadas eram tais relações entre o capital, a terra e as famílias capitalistas da recém criada capitania<sup>5</sup>.

Segundo o arquiteto holandês Paul Meurs, o Engenho funcionou até o século XVIII, beneficiando o açúcar de cana para exportação, além de rapadura e aguardente para consumo interno em ambas as vilas (Santos e S. Vicente). Ao longo desse século, porém, podemos constatar a decadência da propriedade. Para a produção de açúcar e derivados, além da fábrica propriamente dita, o Engenho comportava unidades administrativas e residenciais. A parca documentação escrita (em grande maioria em flamenco arcaico, espanhol e português do século XVI, acervo este a ser traduzido e interpretado) certamente poderá revelar um manancial riquíssimo de informações a serem decifradas.

---

<sup>5</sup> LOURENÇO, 2005: 13.

Ao longo dos tempos, modificam-se também os proprietários, lembrando que Erasmos Schetz falece a 30 de maio de 1550, passando a propriedade exclusivamente para os herdeiros, tendo seu filho Gaspar assumido os negócios e vindo a falecer em 1568, mas mantendo-se o negócio na família, até princípios do Século XVII. Do século XVIII até a metade do século XX este engenho foi praticamente esquecido e abandonado. Alterando-se este quadro internacional, o engenho esteve vinculado a várias famílias paulistas por adoção e, finalmente em 1943, pelas informações que dispomos sobre a trajetória mais recente deste empreendimento, consta que os terrenos com as ruínas foram adquiridos por Otávio Ribeiro de Araújo, que loteou a propriedade e doou o Engenho São Jorge dos Erasmos à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no ano de 1958<sup>6</sup>.

No mesmo ano, Luís Saia, chefe do 4º Distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão federal, relatou ao presidente da Comissão Especial do Engenho São Jorge dos Erasmos que realizou prospecção e definiu o partido arquitetônico como de «modelo açoriano, tipo real e movido à água»<sup>7</sup>. O esforço de compreensão da linha sucessória de proprietários deste engenho, possibilitará um aprofundamento das interpretações sobre o bem, sem jamais escamotear suas múltiplas significações culturais. Por isso, sua simples restauração, ignorando sua sistemática e a história de seus diversos proprietários, seria uma ação inócua, condenando o bem a reduzir-se a parque temático, esvaziando-o das espessas camadas formadas por lutas ali sentenciadas<sup>8</sup>. Compreende-se, portanto, que o foco na condição de Ruínas deve ser incentivado, buscando estabelecer uma agenda que dê conta de responder às questões elencadas a seguir: valorizar a diversidade; permitir seu livre acesso e aquilatar seu acervo como fonte de conhecimento. Constitui este tripé, o arcabouço elementar de sua preservação.

## **PROJETOS EDUCATIVOS: PONTES ENTRE O PASSADO E O PRESENTE.**

O programa museológico/expositivo/educativo do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos encontra-se aberto, com projetos especiais voltados a públicos distintos, a partir de um plano estratégico – a Plataforma Sophia, que propõe abordagens interdisciplinares, congregando distintas áreas do conhecimento. O setor educativo do Monumento Nacional RESJE desenvolve vários programas

---

<sup>6</sup> LOURENÇO, 2005: 17.

<sup>7</sup> SAIA, 1958.

<sup>8</sup> LOURENÇO, 2005: 16.

educacionais<sup>9</sup>, dos quais destacam-se: a) “*Portas Abertas*”; b) “*Projeto VouVolto*” e c) Projeto de *Valorização patrimonial*: os três primeiros voltados para o público escolar do ensino fundamental e médio, e o último, pensado para o público espontâneo.

O programa *Portas Abertas* oferece atividades especiais gratuitas aos finais de semana e é destinado ao público de todas as idades. Inclui cursos de difusão cultural, exposições, saraus, palestras, encontros, oficinas, dentre outros. As atividades vem permitindo que o local seja visitado e conhecido por um número cada vez maior de pessoas, tornando este antigo engenho de açúcar um espaço de reflexão e produção de conhecimento.

O Projeto *VouVolto*, destinado ao público escolar do ensino básico e fundamental, consiste em visitas dialogadas com roteiros sócio-histórico e ambiental. Em uma primeira etapa, o corpo docente da escola visita o local e protagoniza o planejamento da visita ou estudo do meio. Na etapa seguinte, os alunos vêm com sua escola e, posteriormente, são convidados a voltar ao local durante os finais de semana e as férias, acompanhados de seus pais, amigos e convidados.

O Conselho Deliberativo do Monumento Nacional, sua equipe gestora e o setor educativo vêm, na última década, aprofundando as discussões acerca das novas demandas e necessidades de proteção do espaço, bem como sobre sua utilização mais consciente. Fruto desta discussão é o *Projeto de Valorização Patrimonial* que viabilizará maior visitação ao bem. A preservação do sítio arqueológico e a ampliação do programa de visitas serão potencializadas pela construção de uma torre de observação e passarelas de acessibilidade. A torre será interligada por passarelas que se integram ao sítio e se conectam umas às outras, permitindo a ligação com a Base de Cultura e Extensão Universitária, já existente. A torre mirante, de 16,25 m de altura, com área total de 546m<sup>2</sup>, possui pavimentos e passarelas que objetivam interferir o mínimo possível na paisagem do Bem tombado. O projeto ainda possui dois outros subprojetos: para além dessa construção, será realizado o mapeamento de espaços com potencial arqueológico/histórico/turístico na Baixada Santista para posterior composição de roteiros histórico/turísticos e a realização de uma série gratuita de espetáculos de luz e som (com tecnologia de *videomapping*) nas ruínas. Financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, este projeto encontra-se em fase adiantada. O conjunto de torre e passarelas tornará o espaço do Monumento Nacional acessível sem danificá-lo,

---

<sup>9</sup> Outros projetos são: “*Biodiversidade: a escola e seu entorno*”; “*Território e Transformações*”; “*Museu do Morador da Zona Noroeste*” e “*I-Papo (Integração e Práticas Aproximativas do Patrimônio)*” (todos em fase de aprimoramento), voltados para o público espontâneo, além de projetos recentemente implantados, como: “*Se Essa Rua Fosse Minha – adequação da Rua Alan Ciber Pinto*” (rua onde se localiza o Engenho) e “*Conheça Santos: Zona Noroeste*”, este último, em parceria com a Secretaria de Turismo de Santos.

possibilitando, simultaneamente, a retomada das pesquisas arqueológicas e o maior acesso do público sem o pisoteamento do sítio.

Esses programas de usufruto do bem cultural se coadunam ao Plano Gestor do Monumento que visa dotar o Monumento Nacional espaço de construção, fruição, pesquisa e lazer. Reconhecendo que o *espírito do lugar* é composto por elementos tangíveis e intangíveis que dão uma contribuição importante para formar o lugar e lhe conferir uma identidade, compreende-se que todos os projetos de preservação, conservação e restauro devam vir acompanhados de sua valoração espiritual. Portanto, o *spiritu loci*<sup>10</sup> é o resultado de um processo complexo, multiforme e plural que exige permanente reconstrução, por parte de seus usufrutuários, coletivo gestor, parceiros afetivos e institucionais. Devemos portanto, *Loci et temporis ex more* conceber o espírito do lugar de acordo com seus costumes e seu tempo, sua natureza intrínseca, mas também as diversas matrizes que a compõem.

O *spiritu loci* do antigo engenho, bem como de suas atuais ruínas, compõem-se das histórias, memórias, relações sentimentais, laborativas e referenciais que sua paisagem, suas texturas, cores e fragrâncias remetem às pessoas que de alguma maneira estiveram ligadas a este espaço ao longo de suas vidas. Memórias emprestadas, memórias vividas, reveladas por meio de um pêndulo que liga o presente ao passado, ajudam a construir o *spiritu loci* desde bem. Portanto, assegurar a presença deste sentimento sobre o lugar e a sua manutenção permitirá às futuras gerações conhecerem e fruírem o bem compreendendo-o como parte de sua própria identidade.

## AS RUÍNAS COMO FACE DE JANÓ: AVALIANDO A AUTENTICIDADE E INTEGRIDADE DO MONUMENTO NACIONAL RESJE

*No instante em que olharmos ruínas devemos reconstruir na imaginação sua vida pregressa ou aceita sua caducidade impondo-se rigorosos impeditivos imaginativos?*

(Jacob Burckhardt, *O Cicerone*, 1855)

Algumas máximas se perpetuam na literatura, seja por sua beleza, contundência ou sensibilidade. A chamada *síndrome da sobredose de beleza* ou, simplesmente, *síndrome de Stendhal*, que se caracteriza pela catarse absoluta diante do excesso

---

<sup>10</sup> Tal como preconiza a Declaração de Quebec sobre o *spiritu loci*. Quebec, Canadá, 04/08/2008. Não confundir o *spiritu loci* com a ideia de *genius loci* (protetor de um lugar) figura mítica comum à religião clássica romana que consistia em proteger o espaço mediante oferendas.

de exposição do indivíduo a obras de arte ou lugares de grande beleza e a valor histórico, é um exemplo canônico de máximas que permanecem atuais. O escritor francês Stendhal (pseudônimo de Marie-Henri Beyle), após observar por muito tempo alguns afrescos da Basílica de Santa Croce, em Florença, Itália, teria ficado «absorto na contemplação de tão sublime beleza, me deparei com sensações celestiais (...) minha vida parecia estar sendo drenada. Catártico, desvaneci»<sup>11</sup>. Esta sensação de absoluta integração com aquilo que se contempla, esta catarse, não pode, nem deve se confundir com a mera fruição acadêmica, ou a curiosidade enciclopédica.

Com isso, não se quer dizer que devamos nos contentar com o simples gozo do fragmento em si e de seu contexto, mas a permanência desses estilhaços de “memória concreta”, esses pontos de fuga entre um passado destruído e a consolidação quase pétrea do que sobrou, atua como catalisadora de histórias não vividas por nós. É como se, diante de ruínas como as estudadas neste texto, a história calcinada na argamassa que as unem, fosse tomada de empréstimo como vetor de imaginação e contemplação. Logo, a catarse, a admiração inebriada, a fruição da ruína, tal como salienta<sup>12</sup>, só possui sentido se a manutenção, preservação e conservação desses “espaços em pedaços” forem mais que boas intenções ou mero deleite. O que se tenta dizer é que, com ou sem catarse, ruína preservada é aquela que continua a responder às indagações do presente, sendo inquirida sempre pelo que foi, mas também pelo que é.

Tal como se percebe de maneira paradigmática no Monumento Nacional RESJE, estabelece-se entre a ruína e a paisagem relação dialética, um singular jogo de «ricochete entre elementos naturais e o fragmento do edifício, que até podem ser simplesmente desprovidos de qualquer valor artístico mas que proporcionam um exemplo moral entre os cenários da natureza»<sup>13</sup>. Os restos deste complexo arquitetônico (paredes, traçados e alicerces que ainda marcam a geografia e espacialidade do lugar), por menor quantidade que se apresente, guardam de maneira eloquente pistas que ajudam a revelar esta relação dialética entre o usufruto da natureza, o domínio do território, a consolidação de uma nova forma de se relacionar com o meio e, sobretudo, o manejo dos recursos e os registros dessa interação humana.

A preservação das ruínas como se encontram atualmente, aplicando-se a elas o filtro de todas as camadas de usufruto e deterioração que o bem acumulou ao longo de sua trajetória, mostra ser o único caminho possível quando pensamos na salvaguarda deste bem. Mesmo que para alguns a restauração completa deste espaço possa significar uma injeção de vida na história do local, compreende-se

<sup>11</sup> STENDHAL, 1817: 56.

<sup>12</sup> CARENA, 1984: 124.

<sup>13</sup> CARENA, 1984: 112.

que a única reposta possível à indagação provocadora do *Cicerone* de Burckhardt seja, de maneira consciente, desenvolver entre nós a atividade reconstrutora, imaginativamente, e não nos contentar com as «premissas unívocas dadas pelo passado». Não se compreende o espírito de um lugar em ruínas, sem imaginação, senão aceitando a caducidade do bem, pois é na caducidade compreendida que estão contidos a força e a excepcionalidade de suas características primordiais. A contemplação, preservação, salvaguarda e conscientização sobre essas ruínas, exigem, da gestão pública/compartilhada deste patrimônio, atenção sistemática, para que «a ruína futura não seja aquela: muda, poeirenta e solitária, num panorama de extinção total»<sup>14</sup>.

A salvaguarda de ruínas como as estudadas neste texto corrobora a convicção de que as pátinas do tempo devem ser descamadas, revelando-se assim estratos de histórias que representam parte significativa de nossa identidade enquanto povo. Tempo e identidade calcinados na matéria e espírito sobreviventes: estes, ingredientes que chancelam a integridade e autenticidade de um bem. Como a figura mitológica romana de Jano, que se compõe de duas faces, viradas para lados opostos e que vislumbram temporalidades distintas, buscando o mesmo propósito, ambos os atributos devem também ser analisados conjuntamente, visando a compreensão do valor original do bem.

O Monumento Nacional RESJE pode ser interpretado à luz dessa metáfora, pois se comporta tal como a figura de Jano: está voltado para o passado, sem perder de vista as vicissitudes da permanência. As diversas transformações a que foram submetidas essas ruínas legaram ao coletivo gestor deste patrimônio uma herança que, se mal compreendida, de certo, acelerará seu processo de deterioração. É fato que seu caráter de integridade e autenticidade sofreu com o estabelecimento desses episódios; porquanto, os significados desta mutação devem balizar a análise comparativa dos aspetos referentes à significação deste bem.

## BIBLIOGRAFIA

(2013) – *Manual de Candidaturas para Patrimônio Mundial*. UNESCO.

BURCKHARDT, Jacob (1984) – *Der Cicerone, eine Anleitung zum Genuss der Kuntewerke Italiens*. S/d. Basileia. In CARENA, Carlo – *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1. Verbete Ruínas/Restauo. Referências Bibliográficas, p. 107-128.

CARENA, Carlo (1984) – *Ruína e Restauo*. In LE GOFF, Jacques, org. – *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p.107-129.

---

<sup>14</sup> CARENA, 1984: 128.

- FERLINI, Vera Lucia Amaral, coord. (2014) – *Projeto de Restauro e Adaptação – Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos*. USP/BNDES.
- LOURENÇO, Maria Cecília França (2005) – *Projeto Educacional VouVolto. Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos*. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária – USP.
- MEURS, Paul (1990) – *History of São Jorge: Europe- The historic documents- Brazil*. [Engenho São Jorge dos Erasmos; Santos Preservation Studies, 1990]. São Paulo: CPC Universidade de São Paulo.
- SAIA, Luis (1958) – *Notas sobre o processo de restauração do Engenho dos Erasmos*, Pasta Primeiros anos. IPHAN/São Paulo.
- SILVA, Cesar Agenor Fernandes da & CHRISTOFOLETTI, Rodrigo (2013) -*Fronteiras transitórias: o processo de construção histórica das identidades da baixada santista (1870-1996)*. Projeto de Pesquisa apresentado ao MEC/CNPQ. MCTI /CNPq /MEC/CAPES N ° 07/2011 na área de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.
- SIQUEIRA, Zaida; MONTES, Maria Lucia; MALAVOGLIA, Fabio (2014) – *A História sob a terra: achados arqueológicos na Baixada Santista*. São Paulo: Governo do estado da Cultura/ Secretaria Cultural
- STOLS, E. (1969) – *Um dos Primeiros Documentos sobre o Engenho dos Schetz em São Vicente*. «Revista de História», vol. 37, 1976, p. 407-19.